



WILL STANTON

Como se Pode Perder Uma Piscina?

Não há limite para o que
o dinheiro pode comprar—e êsse
é que é o problema

A CONTECE que eu sou membro da próspera classe média americana. Meus vizinhos são do mesmo nível e têm o mesmo problema—um problema peculiar do nosso país e da nossa época: não há lugar para colocar as coisas.

Antigamente, havia os ricos e os pobres. Os pobres não tinham lugar

para guardar as coisas, mas também não tinham coisas para guardar. Os que possuíam tôdas as coisas tinham castelos; e tudo funcionava muito bem. Mas a nova classe média . . .

Quando Ethel e eu compramos nossa casa, o que mais nos impressionou foi o tamanho—grande gramaço, garagem para dois carros, pátio,

lavanderia, sala de jogos, sala íntima e estúdio, além de todos os aposentos e dependências normais. Puxa, nós tínhamos sempre morado em apartamento, e agora, de repente, dispúnhamos de todo aquele espaço e contas correntes abertas em tôdas as lojas.

Como as crianças logo de início sentissem falta dos parques infantis da cidade, nós compramos um balanço e um escorrega, um laguinho e uma porção de ratinhos-brancos. As crianças precisam de exercício e de bichinhos de estimação. Pusemos os ratinhos na sala de estar, junto com o aparelho de televisão e a mesa de pingue-pongue. Parecia sensato concentrar as atividades das crianças em um só local. A única forma prática de concentrar ratinhos-brancos, porém, é mantê-los em gaiolas separadas; mas, antes que déssemos pela coisa, êles já se haviam concentrado em três caixotes.

Além das coisas que sempre desejáramos, havia as coisas que súbitamente descobrimos que tínhamos de ter, como carrinhos de mão e escadas. Logo que nos instalamos na nova casa, apareceu alguém vendendo mudas de azáleas a preços de liquidação, e Ethel comprou duas dúzias. Foi aí que eu percebi que eu não tinha uma pá. Len Matson, do centro de jardinagem, ajudou-me a escolher uma e aproveitou para vender-me um saco de fertilizante e um fardo de turfa. Botei tudo atrás da garagem.

Nossa mobília do apartamento parecia estranha na nova casa, mas Ethel sempre tivera vontade de ex-

perimentar suas habilidades como restauradora de móveis velhos, e essa foi sua grande oportunidade. Preparou um dos quartos extras para sua oficina. Quando Ethel me deu uma máquina fotográfica de presente de aniversário, tomei posse do outro quarto extra para fazer uma câmara escura. Muitas vêzes comentávamos que isso era o que sempre havíamos desejado.

Enquanto tínhamos apenas duas crianças, nós nos arranjávamos bem com um carro pequeno. Mas, quando Danny nasceu, decidimos trocar o carrinho por uma camioneta. Um ano depois, percebemos como era pouco prático eu dirigir um carro de nove lugares diariamente para o trabalho, enquanto a família só tinha oportunidade de usá-lo nos fins-de-semana. Entreguei, pois, a camioneta a Ethel e comprei outro carro pequeno para mim. Tudo funcionou, a não ser pelo fato de que com o segundo carro não havia lugar na garagem para o cortador de grama e a máquina de remover neve. Tive de mandar construir um barracão de ferramentas nos fundos.

No Natal dei a Ethel uma estufa para plantas e ela me deu uma sauna. Instalamos a sauna num canto do estúdio, pois não o usávamos para nada, exceto para a máquina de costura de Ethel. Foi nesse ano que Mike ganhou a pista de autorama. No início, isso nos deu um pouco de trabalho, porque, depois de instalada na sala de estar, verificamos que dava interferência na televisão.

Arranjamos lugar para a pista na lavanderia, transferindo o congelador para a sala de jogos. Ficava pouco espaço entre a mesa de bilhar e o bar, mas nossos convidados aceitavam isso com espírito esportivo.

Foi no verão seguinte que compramos a piscina plástica de cinco metros e meio. Tivemos de mudar a quadra de *croquet*, mas transferimos algumas azáleas de lugar e conseguimos colocar a quadra de *croquet* espremida entre o barracão de ferramentas e a churrasqueira. Quando queríamos jogar, bastava transportar a gangorra para a entrada de automóveis. Não havia problema.

Acho que foi nesse mesmo ano que Cindy ganhou o xilofone, porque Bess ainda era bebê e Cindy precisava de um lugar para tocar seu instrumento sem acordá-la. Deixei Cindy ficar com a câmara escura e transferi o equipamento fotográfico para o estúdio, que Ethel vinha usando para restaurar seus móveis desde a chegada do bebê. Como Mike também mantinha ali seu aquário, estava um pouco congestionado.

Pensamos um bocado antes de comprar a lancha. Mas, como Ethel dizia, com o rio a apenas alguns quilômetros de distância, era uma pena não aproveitarmos. Como o abrigo mais próximo ficava a 30 quilômetros, decidimos guardar a lancha e a respectiva carrêta no nosso quintal. Transferindo alguns arbustos conseguimos um lugar atrás do barracão de ferramentas.

Este ano teremos de comprar uma

piscina nova, pois perdemos a velha. Todo o mundo me pergunta: "Mas como se pode perder uma piscina?" Bem, a nossa piscina era das chamadas portáteis, pois sua estrutura podia ser desmontada, o revestimento metálico enrolado como uma tela e o revestimento plástico dobrado, de modo que, amarrando tudo junto, ficava um pacote mais ou menos do tamanho de duas banheiras. Quando a desmontamos depois do último verão, eu a coloquei no barracão das ferramentas. Depois precisei do espaço para guardar a mobília do jardim e os esquis aquáticos, e trouxe a piscina para o estúdio.

Quando chegou a primavera e nós quisemos montar a piscina, ela não estava mais lá. Ethel diz que se lembra claramente de ter-me visto levá-la para a sala de jogos, mas eu não me lembro de nada disso. De qualquer modo, lá também não estava. É o pior de tudo é que a companhia de seguros não quer tomar conhecimento do caso enquanto eu não der queixa à polícia.

Já me imagino dizendo a um policial grandalhão que roubaram minha piscina. Êle diz:

—Ah! é? E onde o senhor a viu pela última vez?

—Na minha câmara escura, entre a sauna e os peixinhos tropicais.

Prefiro a morte.

O diabo é que certas pessoas estão vivendo com 50 anos de atraso. Simplesmente não compreendem os problemas da próspera classe média americana.



**Muita gente vai comprar
o novo Vulcabrás Clássico
só para ocasiões especiais...**

Perdulários.

Vulcabrás Clássico é um sapato bonito,
elegante... é clássico.
Mas também é macio, impermeável, resistente.
Por isso, você deve usá-lo sem pena.
Ele continua impecável,
à espera de outras ocasiões especiais.

VULCABRÁS

C. POSTAL 47 - JUNDIAÍ - S.P.

